

Faltam projetos para investimentos

Sobram recursos, mas não há projetos e o dinheiro vai para o mercado financeiro

ANTÔNIO FÉLIX

Há muito dinheiro na economia atrás de poucos projetos de investimentos. Recursos anteriores voltados ao aumento da produtividade acabam, sem opção, aplicados no mercado financeiro. Em compensação, as aplicações em bolsas de valores e outros ativos reais são, hoje, típicas do investidor especulativo. Como há mais dinheiro que projetos, a alta das ações não tem feito com que as bolsas sirvam de fonte segura de recursos para as empresas. Para lançar ações, as empresas precisam ter planos definidos e necessidade de recursos para eles. "Pela primeira vez, nos meus 30 anos de mercado, vejo uma situação na qual a alta das bolsas reflete tão pouco em lançamentos de novas ações", afirma Roberto Teixeira da Costa, ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (C.V.M.).

Teixeira da Costa está, hoje, à frente da Equitypar, uma empresa de participações formada com recursos da conversão da dívida externa brasileira em capital. Tem US\$ 85 milhões disponíveis para novos investimentos, dos quais apenas US\$ 23,5 milhões conseguiram encontrar projetos interessantes.

O resto está aplicado no mercado financeiro. Mesmo assim, dos US\$ 23,5 milhões, US\$ 21 milhões referem-se a uma única operação, feita para o grupo Moinho Santista. É uma alta concentração para quem fixou como norma colocar um máximo de 10% dos recursos em cada operação. Desde a sua criação, em fevereiro deste ano, a Equitypar catalogou 222 oportunidades de investimento, das quais apenas 24 suportaram uma análise mais detalhada e seis se transformaram efetivamente em propostas de negócio. Mas a Equitypar investiu, de fato, em quatro. Teixeira da Costa gostaria de ter em análise 400 propostas. "A experiência mostra que em companhias como a nossa, em cada 100 oportunidades, apenas cinco se transfor-

mam em propostas de negócios", afirma.

ILUSÃO FINANCEIRA

A Equitypar encontra, porém, um forte concorrente: as empresas, com muito dinheiro em caixa, também procuram bons projetos, quando não investem no próprio negócio. O número de projetos, para complicar a situação, é insuficiente para satisfazer os investidores, num quadro de falência do Estado. Como o Estado não investe, explica Teixeira da Costa, uma série de programas de infra-estrutura, antes ponto de partida dos investimentos do setor privado, deixaram de existir. "O setor privado, com a ilusão dos ganhos financeiros, não se sente ainda autorizado a substituir o Estado para alavancar novos investimentos."

Existe, na verdade, um hiato nos investimentos, visto por alguns como uma fase de transição. "Os governos militares nomearam alguns empresários para ser capitães de indústria", diz Antoninho Marmo Trevisan, presidente da empresa de consultoria Trevisan & Associados. O governo dava a arrancada nos projetos e financiava os empresários. "Era uma livre iniciativa entre aspas", diz Trevisan. Uma fase como essa, marcada por investimentos em obras grandiosas, dificilmente se repetirá, segundo ele. A economia começa a ser marcada por investimentos não intensivos, muitas vezes voltados à tecnologia, e presentes em novas regiões de desenvolvimento, como São Carlos, em São Paulo, Fortaleza, no Ceará e Vitória, no Espírito Santo.

Na corrida por bons negócios, os investidores têm pela frente outros concorrentes além das empresas com os cofres abarrotados de dinheiro. Desde março, com a autorização formal do Banco Central, e mais firmemente a partir de meados do ano passado, em negócios informais, os credores do Brasil — ou quem comprou os seus títulos — têm transformado dívidas em capital. Por esses mecanismos, entraram, até o final de outubro, US\$ 5,2 bilhões, dos quais US\$ 2,1 bilhões em esquemas informais. Em muitos casos, as aplicações são pulverizadas, como mostram as con-



Fernando Pimentel/AE — 18/11/87

Teixeira: só especulação

versões feitas por meio de leilões, sobre as quais há dados mais transparentes. A soma de US\$ 1,2 bilhão negociada até o último leilão, em outubro, estava distribuída por 275 projetos, a uma média, portanto, de cerca de US\$ 4,3 milhões em cada negócio. São em geral novos investimentos, garante Roberto Corrêa da Fonseca, vice-presidente do NMB Bank, um dos mais ativos nos negócios de conversão.

No último leilão, por exemplo, a Tokheim, empresa do Texas, Estados Unidos, converteu US\$ 3 milhões para aplicar numa fábrica em Manaus, que vai produzir bombas especiais de combustíveis. Entre os clientes do NMB nas conversões estão, ainda, as japonesas Rohm, que investiu US\$ 1,1 milhão numa nova fábrica de componentes eletrônicos, e a Roland Corporation, que colocou US\$ 30 mil na subsidiária Oliver, fabricante de instrumentos musicais. Há também alguns grandes investimentos como o da Akzo, indústria química holandesa: trouxe algo entre US\$ 25 milhões e US\$ 30 milhões para a subsidiária brasileira. Agora, as conversões começam a viver uma nova fase. Os bancos deixam de ser apenas intermediários para converter seus próprios portfólios. Já convertem, assim, US\$ 150 milhões. "Sairmos da moratória e concluímos a Constituição. Se a economia se estabilizar, o capital estrangeiro se sentirá mais atraído ainda", diz Fonseca.

Para onde vai o dinheiro da conversão

